

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA

MCML - MCMLI

Sobre um virgilianismo d'Os *Lusíadas*

Que o passo do canto 11 d *Os Lusíadas* em que o «valeroso Capitão» agradece ao rei melindano os seus «oferecimentos verdadeiros/E palavras sinceras, não dobradas», foi imitado daqueloutro de Virgílio, na *Eneida*, 1, 595-610 (1), é afirmação que pode encontrar-se já nos comentários exaustivos de Faria e Sousa (2) e que foi reproduzida pela maioria dos comentadores subsequentes. E, com efeito, tão notória a semelhança de formas e de ideias, que jamais se ousaria contestar a relação existente entre as palavras do Gama e as do herói da *Eneida*. Nesta brevíssima nota procuraremos mostrar tão-só que, se a contextura do episódio foi, em linhas gerais, engenhosamente adaptada pelo Épico, não logrou, todavia, Camões assenho-rear-se inteiramente do conteúdo semântico de um dos versos virgilianos, o v. 608 (3), aquele mesmo de que os críticos vêem tradução literal *riOs Lusíadas*, 11, 105, 5-6(4). E que, atri-

(1) As causas remotas do episódio de Virgílio podem, por sua vez, rastrear-se no princípio do canto xm da *Odisseia*, em que Ulisses, agradecido pelo magnífico acolhimento do rei Alcínoo, solicita as graças dos deuses para o povo dos Feácios. Cf. Hernâni Cidade, *Luis de Camões. II— O Epico* (Lisboa, 1950), p. 29.

(2) *Lusíadas de Luis de Camões* [...] comentadas por Manuel de Faria e Sousa, t. I (Madrid, 1639), col. 543 : «Pero 10 cierto es, que 10 dice, y todo el resto de la est. con Virgil...»

(3) Dado que a numeração dos versos da *Eneida* é variável em muitas das edições do poema, permitimo-nos remeter o leitor para a edição de J. W. Mackail : *The Aeneid. Edited with introduction and commentary by..* (Oxónia, 1930).

(4) Cf., u. g., J. Barbosa de Bettencourt, *Subsídios para a Leitura d'Os Lusíadas* (Lisboa, 1904), p. 59: «Nesta expressão, literalmente traduzida de Virgílio,...»; e ainda Luciano Pereira da Silva, *Obras Comple-*

buindo ao vocábulo *polus* um sentido que lhe é vulgar na poesia latina, o de «céu», não conseguiu, por isso mesmo, dar-se conta de uma imagem virgiliana de rara beleza que nele se encerra.

De facto, onde o Mantuano escreve :

*In freta dum fluvii current, dum montibus umbrae
lustrabunt conuexa, polus dum sidera pascet,
semper honos nomenque tuom laudesque manebunt,
quae me cumque uocant terrae.,*

diz o Epico:

*Enquanto apacentar o largo Pólo
As estrelas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Vivirão teus louvores em memória.*

Dêmos agora a palavra aos mais autorizados intérpretes d'Os *Lusíadas*, no ponto que nos importa.

Citemos, dos primeiros, Faria e Sousa, notável figura de humanista e conhecedor profundo da literatura latina, que, levando a extremos a análise do Poema, muito pouco deixaria «que respigar aos futuros comentadores d'Os *Lusíadas*» (1). Diz o seguinte: «Mientras el largo Polo apascentar el ganado de las estrellas, [...] Hermosa metáfora, haciendo las estrellas rebaño, y prado el cielo, que eso es Polo allí,... » (2)

Cabe, em seguida, a vez a Epifânio Dias, cuja sólida cultura greco-latina o impôs como um dos maiores humanistas portugueses de todas as épocas, a ponto de mais parecer «um clássico, desenterrado da antiguidade romana, e vivo em nossos

tas. Edição preparada pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, vol. i (Lisboa, 1943), p. 382: «Camões usa aqui, como é sabido, uma linguagem análoga à que Virgílio põe na boca de Eneias, agradecendo o acolhimento de Dido: . . . »

(1) Cf. *Os Lusíadas de Luís de Camões*, comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias, t. 1 (Porto, 1910), p. 1.

(2) Manuel de Faria e Sousa, *op. cit.*, t. 1, col. 543.

dias» (1) do que homem do seu tempo. Deu-nos este comentário : «Pólo] por: céu (como *polus* na poesia latina). Era crença da antiguidade, que o céu se sustentava das exalações subidas da terra e do mar.» (2)

Seria injusto não registar ainda a douta observação do sábio eminente e notável investigador da *Astronomia d'Os Lusíadas* que foi o Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva : «A concepção [...] das estrelas movendo-se no azul do céu, qual rebanho pastando ao longo da campina, é em Lucrecio uma das teorias físicas explicativas do movimento diurno, como se vê na seguinte passagem, que nos é indicada pelo Sr. Dr. José Maria Rodrigues:

Motibus astrorum nunc quae sit causa canamus.

[...],² *siue ipsei serpere possunt,
quo quousque cibus uocat atque inuitat eunteis,
flammea per caelum pascentis corpora passim.*

(*De rerum natura*, v, 510-526.)

«Os astros movem-se solicitados pelas partículas de fogo disseminadas no éter, que são o alimento de que precisam para brilharem eternamente. As estrelas dão cada dia a volta da campina celeste, como ovelhas que vão em busca do pasto quotidiano.» (3)

Se d'Os *Lusíadas* passarmos à *Eneida*, verificaremos que o comentário é idêntico no verso correspondente. Se não, vejamos :

«*Polus dum sidera pascet:* Ex. Lucret, lib. i: Flumina suppeditant, unde aether sidera pascit. Aristoteles autem lib. Meteor. 2-eludit Meteorologorum opinionem, qui pabula e uaporibus igni astrisque suggerunt: caelum tamen hic agere et pascere sidera uideri potest, *ut gregem pastor* . . .» (4)

(1) Gf. J. Leite de Vasconcelos, *Epifânio Dias. Sua Vida e Labor Científico* (Lisboa, 1922), p. 21.

(2) AugustQ Epifânio da Silva Dias, *op. cit.*; t. i, p. 124.

(3) Luciano Pereira da Silva, *op. cit.*, vol. 1, p. 382.

(4) P. Virgilius Maro, *et in eum commentationes* [. . .] *cum Josephi Scalligeri commentariis et castigationibus* (Antuérpia, 1575), p. 37.

Sublinhamos intencionalmente estas últimas palavras, porque eremos devam ter contribuído para a mais recente — e mais aceitável — interpretação do *polus* virgiliano.

«No less vivid», observa, por seu turno, J. W. Mackail, «is the image which follows, of the night-sky as a field in which the stars are scattered like a flock at pasture. Throughout the two lines, the stress is laid not on the permanence of Nature but on her regular and unceasing movement.» (1)

Vê-se, pois, que estão de acordo os comentadores dos dois poemas, no verso em questão. Ele não seria mais que um reflexo daquela ideia de Estóicos e Epicuristas, segundo a qual as estrelas se alimentam do céu, como rebanho pascendo na campina. Encontra-se mesmo em Lucrécio (2) e Camões exprime-a também no final da Écloga vu :

*Quando Febo nas águas se encerrou
Cos animais que o mundo alumiam,
E co luzente gado apareceu
A celeste pastora pelo céu.*

Mas que o *polus* virgiliano deve entender-se de maneira bem diversa, isso foi o que a moderna exegese acabou por demonstrar.

Com efeito, não há muitos anos ainda, o Sr. Josua Mjöberg, de Lunda, estranhando que a par de duas imagens de fácil compreensão, quais sejam as que exprimem as palavras: *in freta dum fluvii current, dum montibus umbrae lustrabunt conuexa*, se contivesse uma outra, filosófica e abstracta, de entendimento difícil, concluía que *polus dum sidera pascet* deveria ter um sentido mais natural, mais compreensível e, principalmente, mais de harmonia com as imagens precedentes, e que até então passara despercebido a todos os comentadores.

(1) J. W. Mackail, *op. cit.*, p. 37.

(2) *De rerum natura*, 1, 230-231:

*unde mare ingenui fontes externaque longe
flumina suppeditant? unde aether sidera pascet?*

Atendendo a que o vocábulo latino, tal como já sucedera ao grego *πόλος*, significou a «Estrela Polar»—o que Vitruvio, ix, 6 confirma: *stella quae polus uocatur*—, o humanista lundense projectava nova luz sobre o passo de Virgílio, doravante assim interpretado: «enquanto a Estrela Polar apascentar o seu rebanho de estrelas» (1). Temos, pois, a imagem do pastor ao centro (a Estrela Polar, de importância não pequena para os navegantes), apascentando as ovelhas (as estrelas que se espalham à sua volta). Acrescentemos que, se no comentário de José Escalígero, acima reproduzido, sublinhámos a expressão *ul gregem pastor*, foi para notarmos que a imagem teria sido entrevista já por este comentador.

Tornando ao *Pólo* camoniano, cuja interpretação nos levou, afinal, a redigir esta nota, o só emprego do qualificativo *largo* força-nos a rejeitar qualquer hipótese que não seja a de ter sido usado pelo Épico para designar o «céu». Camões foi induzido a isso, provavelmente, por um comentador da *Eneida*, talvez por Sérvio, que foi o primeiro que anotou: *polus autem caelum dixit*.

Não tendo a mesma significação, como acabamos de ver, os vocábulos *Pólo* d' *'Os Lusíadas*, 11, 95, 5, e *polus* da *Eneida*, 1, 698, cremos que, de futuro, deva considerar-se o primeiro, única e exclusivamente, um *latinismo de forma*. (2)

Coimbra, Fevereiro de 1951.

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA.

(1) Cf. *Eranos* —Acta philologica Suecana, vol. XLII, fase. 34- (Gotemburgo, 1944), pp. 138-141. V. ainda o comentário de José Vallejo à interpretação de Mjöberg, in *Emerita* — Boletín de lingüística y filología clásica, t. xm, sem. 1.º y 2.º (Madrid, 1945), p. 382.

(2) Não deixaremos de registar aqui o nosso mais vivo reconhecimento ao Sr. Director de *Eranos*, Dr. Tonnes Kleberg. Sendo-lhe solicitado, por intermedio do Sr. Director do Instituto de Estudos Clássicos, o fascículo indispensável para a redacção desta nota, não se limitou a satisfazer prontamente o pedido, mas dignou-se ainda oferecer à biblioteca do Instituto uma colecção de volumes daquela revista, de 1944 a 1947 (deste ano em diante, estabeleceu-se permuta regular de *Eranos* com *Humanitas*).